

LITERATURA E PRÁTICA PEDAGÓGICA: A FORMAÇÃO LITERÁRIA DAS CRIANÇAS EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Francineide Batista de Sousa Pedrosa¹
Rayonnara Késsia de Souza²
Maria Danúbia de Moura Lima³

RESUMO

O trabalho discute a literatura e a prática pedagógica, levando em consideração que a leitura é fundamental para o desenvolvimento integral do ser humano. Partiu do seguinte questionamento: que sentido os(as) professores(as) atribuem ao texto literário de modo que o mesmo contribua na formação de alunos(as) no período da alfabetização? Traçou-se como objetivo geral para esse escrito refletir acerca da literatura e da prática pedagógica no que diz respeito a formação leitora das crianças. Especificamente, pretendeu-se discutir sobre os sentidos atribuídos por docentes ao ensino da literatura; e investigar a prática pedagógica utilizada no trabalho com a leitura de literatura para a formação de alunos(as) leitores(as) em processo de alfabetização. O referencial teórico-metodológico subsidia na compreensão sobre a leitura de literatura e a alfabetização, e foi desenvolvido a partir da metodologia da Entrevista Compreensiva; contou com a participação de seis professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, que atuavam no ciclo da alfabetização, na rede pública de ensino da cidade de Natal/RN. As falas das interlocutoras trouxeram indícios de que as docentes valorizam o ensino da leitura de literatura, reconhecendo-o como uma atividade em que favorece a aprendizagem das crianças, desenvolvendo os aspectos cognitivos, intelectuais, sociais e da experiência humana. No entanto, os conhecimentos teóricos e metodológicos para esse ensino ainda precisam ser aprimorados de modo que a mediação da leitura se torne, de fato, efetiva na sala de aula.

Palavras-chave: Leitura de Literatura, Prática Pedagógica, Alfabetização, Ensino e aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A literatura tem potencial para desenvolver no(a) aluno(a) leitor(a) a percepção do mundo, a afetividade, os aspectos cognitivos, intelectuais e sociais. A linguagem literária traz em si beleza, fruição, melodia, sons, ritmos; por meio da sensibilidade da palavra poética, o(a) docente poderá criar inúmeras possibilidades de lidar com a imaginação infantil, proporcionando a ampliação das diversas formas de ver e interpretar o mundo.

A mediação pedagógica para a leitura de literatura precisa acontecer a partir de um planejamento pautado em estudos teóricos, de modo que o(a) professor(a) possa entender a

¹ Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, neidebatista15@gmail.com;

² Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, Professorarayonnarak@gmail.com;

³ Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, danubialima47@gmail.com.

função que o livro infantil exerce na aprendizagem das crianças. Em se tratando do processo de alfabetização, o texto literário poderá ser um aliado na compreensão dos elementos textuais, por meio das linguagens verbal e não verbal, e ajudar tanto na leitura e interpretação, quanto na escrita de textos, por meio de atividades guiadas em sala de aula.

A alfabetização das crianças acontece mediante a compreensão dos fenômenos linguísticos, ou seja, não é apenas o processo de codificação e decodificação do código escrito ou das habilidades leitoras; envolve também a cognição, compreensão e expressão dos significados (Soares, 2013). Portanto, a relação entre leitura, literatura e alfabetização faz muito sentido quando entendemos que ambas desenvolvem um processo intrínseco de formação e construção do conhecimento.

Destacamos a importância da temática, visto que o trabalho com a leitura de literatura é essencial para o desenvolvimento integral das crianças; e se executado de forma planejada, por meio da mediação docente, os sujeitos aprendentes podem melhorar suas aprendizagens de modo a desenvolver habilidades leitoras que serão primordiais no decurso da sua formação escolar. A literatura pode ser uma ferramenta eficiente utilizada pelos(as) docentes para inserir as crianças no mundo da leitura e da escrita.

O trabalho intitulado “Literatura e prática pedagógica: a formação literária das crianças em processo da alfabetização”, faz parte dos estudos provenientes do grupo de pesquisa “Educação, Comunicação, Linguagem e Movimento” da UFRN; estudos esses, que culminaram em um trabalho dissertativo finalizado no ano de 2017.

Traçamos como objetivo geral para esse escrito refletir acerca da literatura e da prática pedagógica no que diz respeito a formação leitora das crianças. Especificamente, pretendemos discutir sobre os sentidos atribuídos por docentes ao ensino da literatura; e investigar a prática pedagógica utilizada no trabalho com a leitura de literatura para a formação de alunos(as) leitores(as) em processo de alfabetização.

A metodologia versa sobre uma pesquisa qualitativa em educação, a partir de um trabalho de campo realizado em escolas públicas da cidade de Natal/RN. Os sujeitos são professoras alfabetizadoras da rede municipal de ensino; para a coleta de dados utilizamos a Entrevista Compreensiva (Kaufmann, 2013), e para a análise, a escuta sensível (Barbier, 1998), trazendo os elementos que denotam os sentidos e significados das falas das interlocutoras, referentes ao trabalho com a leitura de literatura e a prática pedagógica.

Entendemos que as docentes atribuem valor ao texto literário e, dentre as suas limitações, buscam caminhos para introduzir o texto literário em suas aulas. Pois, não basta apenas valorizá-lo, mas inseri-lo na sala de aula de modo que favoreça a aprendizagem das

crianças em processo de alfabetização. O que nos leva a refletir que a escola também precisa traçar caminhos para que a literatura adentre o ambiente escolar.

Um aspecto positivo que ressaltamos é o de que as docentes tentam realizar um trabalho efetivo com a literatura e nos dão respostas conscientes que demonstram o entendimento de que os textos são eficazes no processo de alfabetização das crianças, e que precisam ser mais destacados, tanto no planejamento quanto na realização das aulas de leitura. Ou seja, esse trabalho precisa ser melhor estruturado, e a escola pode contribuir para a efetivação desse saber fundamental ao desenvolvimento das aprendizagens das crianças.

METODOLOGIA

O estudo é de natureza qualitativa em Educação, sendo também um trabalho de campo com a utilização da Entrevista Compreensiva (Kaufmann, 2013). A pesquisa qualitativa permite o aprofundamento e a compreensão do objeto, na busca pela interpretação das diversas formas comportamentais. “A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano” (Marconi e Lakatos 2008, p. 269).

Sobre a Entrevista Compreensiva (Kaufmann, 2013), relata ser um processo investigativo, com foco no sujeito. Esse método envolve a observação e tem como fator primordial o detalhamento das informações que abrange o entrelaçamento das ideias construídas, os sentidos atribuídos nas falas dos sujeitos e a relação entre o conhecimento teórico e as novas teorias advindas do campo de investigação.

Os sujeitos da pesquisa foram seis professoras dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atuantes no ciclo da alfabetização da rede pública municipal da cidade de Natal/RN. Para preservar suas identidades, nomeamos as interlocutoras com nomes fictícios de mulheres poetas, a saber: Auta, Cora, Cecília, Militana, Clarice e Zila. As entrevistas foram aplicadas seguindo alguns critérios para seleção dos sujeitos como: ter formação no curso de pedagogia, atuar em turmas de alfabetização do sistema público de ensino e ter formação acadêmica nos últimos cinco anos, contados até o ano de 2016.

Para as entrevistas, utilizamos uma grade de perguntas com questões norteadoras. Para esse estudo levamos em consideração as respostas das interlocutoras que partiram do eixo estruturante sobre as implicações da formação acadêmica na prática docente, focando na importância da leitura de literatura para crianças no ciclo da alfabetização. Essa temática visou perceber como as professoras utilizavam o texto literário levando em consideração os sentidos

atribuídos ao ensino da literatura, e como as docentes trabalhavam o texto de modo a desenvolver o gosto pela leitura das crianças em processo de alfabetização.

Na análise dos dados utilizamos a escuta sensível (Barbier, 1998), que versa sobre a observação dos valores intrínsecos às falas dos sujeitos; exige do(a) pesquisador(a) a desenvoltura nas habilidades com as informações; percepção sensível dos sentidos implícitos no discurso do outro; visto que os mesmos acontecem numa multiplicidade de valores que requer do(a) pesquisador(a) um olhar minucioso para as informações presentes no ato de narrar os fatos.

Após a escuta sensível, foram elaboradas fichas interpretativas. As fichas são instrumentos organizacionais e interpretativos utilizados para organizar as falas dos sujeitos e facilitar a transcrição das ideias principais. Para a elaboração das fichas interpretativas foram utilizados dois critérios segundo Kaufmann (2013): apresentação das falas das informantes da pesquisa e o posicionamento crítico e reflexivo das pesquisadoras.

Feitos esses procedimentos, o passo seguinte que norteia a entrevista compreensiva é a interpretação dos dados, que acontece de forma agregada ao referencial teórico, marcando, assim, a escrita das falas das interlocutoras, o posicionamento teórico e as reflexões sobre a temática. Dessa forma, a metodologia da pesquisa é fundamental para entender o posicionamento dos sujeitos sobre a temática e analisar os dados obtidos no campo.

LITERATURA, PRÁTICA PEDAGÓGICA E FORMAÇÃO DE ALUNOS(AS) LEITORES(AS)

Segundo Todorov (2012, p. 76), a literatura tem o poder de nos conduzir ao mundo imaginário e compreender melhor o que se passa a nossa volta. Nos libertar do real e nos tornar mais humanos por meio das relações com o outro. “A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver.”.

A literatura, enquanto arte da palavra, amplia a visão de mundo, por ser um texto criativo, crítico, provocativo que desperta no(a) leitor(a) as percepções, a imersão no mundo ficcional, como também o lado social, intelectual e individual dos sujeitos, levando-os a questionar sobre o mundo ao seu redor. “Como produções verbais, elas [as obras literárias] compõem-se de ditos, não ditos e subentendidos”. (Aguiar, 2011, p. 242 [grifo nosso]).

Levando em consideração que ela representa o real, a leitura de literatura, segundo Bettelheim (2015), poderá agir no imaginário e libertar os indivíduos das pressões inconscientes; ou seja, ao ler um livro de literatura desenvolvemos uma experiência literária que atua como poder simbólico, por meio da recepção estética quando o leitor adentra os sentidos e significados do texto.

A recepção estética, segundo Stierle (1979, p. 135) envolve o leitor e o texto, por meio do significado que ambos atribuem pela compreensão do lido e a partir de uma sequência de significantes. O texto provoca no leitor vários significados e “a recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até à diversidade das reações por ela provocadas”.

Para Jouve (2002, p. 107 [grifos do autor]) “A leitura é portanto, ao mesmo tempo, uma experiência de libertação (‘desengaja-se’ da realidade) e de preenchimento (suscita-se imaginariamente, a partir dos signos do texto, um universo marcado por seu próprio imaginário).”; ou seja, no ato de imaginar o(a) leitor(a) vive tanto a sensação de liberdade quanto de criatividade. A experiência estética “ao mesmo tempo em que liberta o leitor das pressões cotidianas, ou dos elementos da realidade, o torna perceptível às relações ou situações com o mundo que o cerca, pelo contato com a ficcionalidade do texto.” (Pedrosa, 2017, p. 111).

Em relação ao trabalho com os contos de fadas, pontuamos, por exemplo, que os mesmos poderão ajudar as crianças a conviverem com as dificuldades do dia a dia. Se faz relevante que as crianças tenham contato com as mais diversas realidades ou fatos que consideramos, na maioria das vezes, impróprio pelo peso dos acontecimentos. “A cultura dominante deseja fingir, particularmente no que se refere às crianças, que o lado obscuro do homem não existe, e professa a crença num aprimoramento otimista”. (Bettelheim, 2015, p. 15). Vivenciar esse lado obscuro do homem pode ajudar no crescimento emocional, intelectual e cognitivo dos sujeitos, levando-os a descobrirem os aspectos e problemas da vida real.

No dia a dia é preciso enfrentar os problemas de cabeça erguida e darmos sentido as experiências de vida que completam a existência humana.

Essa é exatamente a mensagem que os contos de fadas transmitem à criança de forma variada: que uma luta contra as dificuldades grave na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana – mas que, se a pessoa não se intimida e se defronta resolutamente com as provações inesperadas e muitas vezes injustas, dominará todos os obstáculos e ao fim emergirá vitoriosa. (Bettelheim, 2015, p. 15).

Tudo isso por que os contos infantis representam sugestões ficcionais de enfrentamento dos problemas cotidianos e dos dilemas na psique humana. Todos(as) passam diariamente por problemas ou situações difíceis que necessitam de solução, e para vencer as limitações temos que tentar resolver os conflitos, encarar os desafios, respeitar as condições de vida sua e do outro. A contribuição dos contos, nesse sentido, é de organização desses elementos para transformar o real, ou seja, é a transição entre o real e o ficcional; e as crianças farão isso por meio da ludicidade presente na atividade de leitura, ou pelo simples prazer em ler.

É importante ressaltar que apesar de toda essa discussão em torno da literatura e de seus saberes na relação com o conhecimento, essa mesma literatura nem sempre é valorizada no espaço escolar, e na maioria das vezes ela ocupa um espaço minúsculo na vida das crianças; ou, como afirma Amarilha (1997), é usada apenas para acalmar as crianças após o intervalo.

É necessário que o(a) professor(a) tenha ciência do seu trabalho com a leitura, e entendimento de que a mesma poderá auxiliar as crianças no processo de alfabetização. Visto que é nessa etapa do ensino que a criança desenvolve os aspectos cognitivos, linguísticos e emocionais.

No ato de ler, o indivíduo projeta sobre o texto seu conhecimento de mundo e sua capacidade de recombiná-lo, mental e imaginativamente. O resultado é uma elaboração tão ficcional quanto o texto de onde partimos, daí a evidência do papel do leitor como parte construtiva da arquitetura do texto e de seu sentido. (Amarilha, 2013, p. 81).

Ao ler, os sujeitos ampliam sua visão de mundo, podem entender mais facilmente o processo cognitivo de aquisição da linguagem escrita, compreender os fatos da narrativa, e fazer relação com seu cotidiano. A literatura se efetiva quando o(a) leitor(a), mediante o processo de abstração, constrói significados para a atividade, ou seja, quando ele(a) atribui sentido para as ações realizadas. Esses sentidos serão responsáveis pelo processo de imaginação e interação do leitor com o mundo ficcional. (Amarilha, 2013).

Nesses termos, afirmamos a importância de se trabalhar com essa temática, visto que a leitura de literatura ainda não é tão valorizada quanto desejamos. Mesmo sabendo da sua importância, as escolas precisam se empenhar mais para abrir espaços dentro do currículo para a sua inserção como atividade efetiva que vai ajudar também no processo de alfabetização das crianças. É necessário despertar nas crianças o gosto pela leitura, visto que por meio dela, a escola pode modificar práticas pedagógicas, e dar muito mais significado a construção do

conhecimento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação as nossas interlocutoras, ambas trazem um entendimento muito positivo no que diz respeito a literatura. Identificamos em suas falas muitos sentidos e significados que corroboram para o entendimento de que as mesmas se utilizam da literatura para deixar as suas aulas mais dinâmicas, lúdicas, e inserir as crianças no mundo do faz-de-conta, desenvolvendo a imaginação, a criatividade e o jogo simbólico. Nesse sentido, elas ressignificam suas práticas, mesmo que de forma ainda tímida, dando ênfase a leitura na formação das crianças em processo de alfabetização.

A professora Auta nos lembra que a mediação pedagógica é fundamental no ato de ler literatura: “A gente não nasce sabendo que ler é prazeroso”; ou seja, para que a criança goste de ler, é preciso que tenha um incentivo em sala e o contato com materiais de leitura. Sabemos que nem todos(as) os(as) alunos(as) vem de um ambiente alfabetizador, como relatam as professoras em outras falas; a maioria deles(as) não possuem livros em casa, o que alerta a escola para trabalhar de forma mais efetiva com o livro literário.

Sabemos que o processo de alfabetização exige das crianças níveis de leitura e de escrita, e que a escola é responsável por desenvolver esse conhecimento. Desse modo, enfatizamos que a leitura de literatura poderá contribuir positivamente para que se desenvolvam essas habilidades; além de proporcionar um contato efetivo com a arte, ampliando a visão dos(as) alunos(as), levando em consideração que “a função da arte é amplamente educativa” (Aguiar, 2011, p. 242).

O trabalho com a literatura poderá suscitar a elucidação de questões que as crianças precisam assimilar pelo grau de dificuldade ou até mesmo pela subjetividade que as circunstâncias provocam. De acordo com a professora Zila: “a partir da leitura eles [alunos] compreendem alguns temas que são difíceis de tratar como morte, perda, separação, brigas, a gente consegue tratar isso de uma forma gostosa com os livros”. Para Barthes (1997, p, 19), a literatura representa os fatos reais: “ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”.

Para a professora Cora: “A literatura infantil é um mundo de imaginação, então as crianças podem se identificar com a história, e eu poso aproveitar para trabalhar diversas questões, e além do mais está formando leitores”. O que se configura como via de mão dupla para o(a) professor(a) em sala de aula, pois além do texto literário proporcionar esse encontro

do(a) leitor(a) com o texto trabalhando a relação entre o real e o fictício, ainda pode desenvolver o gosto pela leitura.

Como afirma Barthes (1977, p. 18): “A literatura assume muitos saberes”, e no texto literário estão intrínsecos muitos conhecimentos que podem ou devem favorecer as diversas formas de aprendizagens. Sabemos que a literatura não se presta a ensinar conteúdos, o que se discute são os saberes que compõem o texto literário e como as crianças podem descobrir o mundo fictício e fazer relação com o seu cotidiano e suas experiências de vida, por meio dos sentidos do texto. Segundo Certeau (1994, p. 264), “um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido”.

Sobre os sentidos que o(a) leitor(a) atribui ao texto, Cecília diz: “a literatura é muito válida, e a partir dela, o aluno vai conseguir compreender e expressar o que ele está sentindo”. Para a docente, a experiência literária é relevante e ajuda as crianças a aprimorar o conhecimento de mundo, visto que agrega sentidos a linguagem. Para Barthes (1977), a literatura é compreensão e expressão de sentimentos e seu poder está para os diversos sentidos da língua que trapaceia e revoluciona o campo semântico das palavras.

Em se tratando dos saberes inerentes à literatura citados por Barthes (1977), os mesmos agregam os campos da história, da Geografia, da Antropologia, os saberes culturais, sociais, que são essenciais para o desenvolvimento humano. Como diz Cecília: “a literatura é fundamental para fazer com que os alunos consigam compreender as outras disciplinas”. Segundo Barthes (1977, p. 19 [grifo nosso]) “O saber que ela [literatura] mobiliza nunca é inteiro nem derradeiro; a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas – que sabe muito sobre os homens”.

Esses saberes também são muito importantes para o desenvolvimento das crianças em processo de alfabetização. Mesmo não sendo um saber institucionalizado, ele deve ser levado em consideração pois desenvolve conhecimentos gerais que tratam das particularidades do ser humano e reflete nos modos de pensar, agir, nas relações interpessoais e na leitura de mundo.

Todorov (2012) afirma que o perigo da literatura é ela não ocupar o seu lugar de fato e de direito dentro da escola, ou não participar da formação humana e cultural dos sujeitos, deixando, assim, de contribuir para o aprofundamento das experiências de vida. Segundo a professora Militana: “na escola pública a gente não vê muita valorização dessa parte da literatura, é como se ela fosse deixada sempre em segundo plano”; e se isso acontece, a literatura deixa de exercer sua função humanizadora e se perde na mesmice cotidiana.

Apesar de reconhecerem que a literatura é importante, que ler desperta outros conhecimentos, que o professor(a) deve ser leitor(a) para incentivar as crianças o gosto pelo

livro literário, as docentes também reconhecem a não valorização da literatura. Segundo elas, falta, inclusive, horário disponível na grade curricular para planejar e implementar as aulas de leitura de literatura.

Ainda sobre a valorização do ensino da literatura, a professora Cora afirma que: “[a literatura] é uma coisa que está tão evidente, tão importante, e que ainda alguns professores não trabalham tanto” [grifo nosso]; o que nos faz refletir sobre o processo de formação do(a) Pedagogo(a). Se, mesmo diante dos conhecimentos teóricos e da possibilidade de inserir novas práticas pedagógicas, ainda continuamos insistindo em tratar a literatura com esse distanciamento, não seria, então, o caso de repensar a formação? Ou investir em formação continuada?

Talvez essas reflexões respaldem em outros campos de conhecimento, como a própria mediação pedagógica. O(a) professor(a) é em tese, o par mais experiente na relação ensino e aprendizagem e, portanto, mais propenso a divulgação do texto literário. Mas, para isso, necessita de conhecimento teórico sobre o planejamento das aulas de leitura.

O fato do(a) professor(a) possuir pelo menos alguns conhecimentos amplos sobre o tema poderá melhorar as práticas em sala de aula; como afirma a professora Clarice: “eu acho muito importante [o trabalho com a leitura de literatura na alfabetização] porque faz com que a criança perceba que o ato de ler é importante” [grifo nosso]. Segundo a docente, quando: “o professor não gosta de ler, a criança acaba também não gostando”. Amarilha (2013) afirma que o(a) professor(a) precisa possuir um cabedal de leituras, para, então, incentivar o(a) seu(a) aluno(a) a ler. Ou seja, ele(a) precisa ser leitor(a) e demonstrar interesse pelo livro.

A professora Militana relata ainda a dificuldade dos(as) alunos(as) com o objeto físico - o livro: “aqui a gente atende a uma comunidade carente, e se você for perguntar quem tem livro, você conta nas mãos os que têm livros em casa, ou talvez nenhum tenha”. A professora Cora também faz a mesma queixa sobre a falta de materiais de leitura no ambiente familiar das crianças, e coloca a escola como, praticamente, a única responsável por apresentar os livros de literatura para as crianças.

A professora Cora ainda aponta também um dilema vivido pelas crianças, que cabem muitas reflexões em relação ao trabalho docente com a leitura de literatura: “eles não entendem essa importância de ter o livro, de ler o livro”; o que incumbe ao(a) professor(a) a tarefa de trabalhar a leitura literária na sala de aula. Como afirma a professora Militana: “talvez seja o único contato que aquele aluno tenha durante o dia, ou durante a semana” com o livro de literatura.

Dessa forma, as falas das interlocutoras demonstram que a leitura de literatura é trabalhada em sala de aula, mesmo que de forma tímida ainda, sem muito espaço para aprimorar esse conhecimento, e que as docentes atribuem valor a essa atividade. O que ainda precisa ser repensado é como e quando utilizar o texto literário de forma a propiciar formas significativas de aprendizagens; os tipos de textos a serem ofertados para as crianças; como selecioná-los; como incentivar o encontro do(a) leitor(a) com o livro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que as interlocutoras demonstram uma preocupação pelo fato de seus alunos(as) não terem um ambiente alfabetizador fora da escola, e das famílias não desenvolverem uma boa relação com o livro, pois, essa prática ajuda as crianças a se familiarizarem com o texto. O valor destinado as obras literárias poderá ser um incentivo ao ato de ler e uma contribuição para a prática pedagógica do(a) professor(a), visto que, quando essa atitude parte também da família, a escola só tem a ganhar.

A leitura deve ser discutida e apresentada sob dois pontos de vista: do(a) aluno(a) e do(a) professor(a). A escola deve incentivar as crianças, e desenvolver uma boa parceria com as famílias, com a sociedade em geral, a fim de disseminar as habilidades leitoras; do mesmo modo que, cabe ao professor(a) conhecer diversas obras literárias para atrair os(as) alunos(as) para o mundo da leitura.

Notamos que mesmo diante de tantas afirmações positivas, as docentes se preocupam pelo tempo destinado a leitura de literatura. Muitas vezes essa atividade fica relegada a poucos minutos de aula ou se perde no meio de outras disciplinas e acaba sem sentido nas atribuições do dia a dia ou na falta de espaço no currículo. A escola precisa repensar o ensino da leitura literária e torná-lo mais efetivo na prática pedagógica.

A literatura precisa fazer parte também dos cursos de formação dos(as) pedagogos(as), e aproximar mais o(a) docente desse ensino, discutindo sobre planejamento e mediação pedagógica, de forma que englobe os conhecimentos teóricos sobre a temática. Isso evitaria, por exemplo, que o texto literário fosse trabalhado sem um planejamento prévio.

Precisamos discutir de modo mais consistente a importância de se trabalhar com o texto literário e o quanto ele interfere no desenvolvimento dos aspectos cognitivos da criança, despertando a atenção, percepção, memória, afetividade, subjetividade, argumentação, reflexão. Ou seja, a mediação pedagógica poderá fazer com que os sujeitos se identifiquem com o texto e atribuam sentido ao que lê, melhorando também o seu processo de alfabetização.

E, apesar de perceber que as docentes atribuem sentido ao trabalho com a leitura de literatura, fica evidente algumas fragilidades em relação a própria formação inicial docente. Elas demonstram também ter dificuldades em selecionar obras literárias, planejar atividades consistentes, diferenciar o texto literário do paradidático. Ou seja, trabalhar com literatura infantil é importante, mas necessita da mediação docente e do conhecimento das teorias que embasam o estudo da leitura de literatura nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura literária e escola. In: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Zélia Versiani. **A escolarização da leitura literária**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1997.

AMARILHA, Marly. **Alice que não foi ao país das maravilhas: educar para ler ficção na escola**. 1. ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

BARBIER, René. A escuta sensível na abordagem transversal. Tradução Maria Amália Ramos. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves. **Multirreferencialidade nas ciências e na educação**. São Carlos: EDUFSCar, 1998.

BARTHES, Roland. **Aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977**. Tradução Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.

BETTELHEIN, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fada**. Tradução Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CERTEAU, Michel de. Ler uma operação de caça. In.: CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para a pesquisa de campo**. Tradução de Thiago de Abreu e Lima Florencio. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

MARCONI, Maria de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

PEDROSA, Francineide Batista de Sousa. **Vozes que ecoam das (in) certezas: o que dizem as professoras alfabetizadoras iniciantes sobre a leitura de literatura?** 155f. (Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Natal, 2017.



SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais? In: JAUSS, Hans Robert. **A literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 4. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.